



## **CULTURA MATERIAL ESCOLAR E A GEOGRAFIA ESCOLAR MODERNA: OS DOSSIÊS DIDÁTICOS DA ESCOLA NORMAL CAETANO DE CAMPOS**

SCHOOL MATERIAL CULTURE AND MODERN SCHOOL GEOGRAPHY: THE TEACHING DOSSIERS OF THE ESCOLA NORMAL CAETANO DE CAMPOS

CULTURA MATERIAL ESCOLAR Y GEOGRAFÍA ESCOLAR MODERNA: LOS DOSIERES DIDACTICOS DE LA ESCUELA NORMAL CAETANO DE CAMPOS

**Thiago Manhães Cabral**

Rede Municipal de Ensino, Vinhedo, São Paulo, Brasil,  
thiagomanhaescabral@gmail.com

**Resumo:** Situado no campo das relações entre a tradição escolar da Geografia e a fundação da Geografia universitária no Brasil, este texto analisa as características e o impacto da tradição e da cultura material escolar da Escola Normal Caetano de Campos (ENCC) sobre a fundação e as primeiras inserções da comunidade paulista de Geografia no cenário dos debates educacionais e acadêmico-científicos da Geografia brasileira. Argumentamos que a cultura material da ENCC é relevante para a sua definição como instituição pública de referência e de crivo escolar para a Geografia acadêmica que se formava em São Paulo. Metodologicamente, este texto se articula à análise dos chamados dossiês didáticos da ENCC, que revelam o acionamento dos princípios modernizadores do ensino da Geografia, aliados aos discursos da nacionalidade e da regionalização do território produzidos por meio de superfícies textuais e imagéticas veiculadas pela prática docente da ENCC, que se associam à então recém-fundada Geografia acadêmico-científica paulista.

**Palavras-chave:** cultura material escolar, Geografia escolar, tradição escolar, Geografia acadêmica.



**Abstract:** Situated in the field of relations between the school tradition of Geography and the foundation of academic geography in Brazil, this paper analyzes the characteristics and the impact of the tradition and the school material culture of the Escola Normal Caetano de Campos (ENCC) on the foundation and the first insertions of the geography community of São Paulo in the scenario of educational and academic-scientific debates of the Brazilian Geography. We argue that the material culture of the ENCC is relevant to its definition as a public institution of reference and school screening for the academic geography that was being formed in São Paulo. This text is articulated to the analysis of the so-called ENCC didactic dossiers, which reveal the activation of the modernizing principles of geography teaching, allied to the discourses of nationality and regionalization of the territory produced through textual and imagistic surfaces conveyed by the teaching practice of ENCC, which are associated with the then newly founded academic-scientific geography of São Paulo.

**Keywords:** school material culture, school geography, school tradition, academic geography.

**Resumen:** Situado en el ámbito de las relaciones entre la tradición escolar de la Geografía y la fundación de la geografía universitaria en Brasil, este artículo analiza las características y el impacto de la tradición escolar y la cultura material de la Escola Normal Caetano de Campos (ENCC) en la fundación y las primeras inserciones de la comunidad geográfica paulista en el escenario de los debates educativos y académico-científicos de la Geografía brasileña. Argumentamos que la cultura material de la ENCC es relevante para su definición como institución pública de referencia y proyección escolar para la geografía académica que se estaba formando en São Paulo. Metodológicamente, este texto se articula al análisis de los llamados expedientes didácticos de la ENCC, que revelan la activación de los principios modernizadores de la enseñanza de la geografía, aliados a los discursos de la nacionalidad y de la regionalización del territorio producidos por medio de superficies textuales e imaginarias vehiculadas por la práctica docente de la ENCC, que se asocian al entonces recién fundada geografía académico-científica de São Paulo.

**Palabras-clave:** cultura material escolar, geografía escolar, tradición escolar, geografía académica.

## Introdução

Na década de 1930, diante dos primeiros passos consolidadores do processo de fundação da Geografia universitária brasileira, um dilema para a comunidade geográfica era latente. Era um momento em que duas tradições teóricas da Geografia que circulavam internacionalmente, uma de vertente francesa e outra estadunidense, travavam disputas para tentar hegemonizar uma visão epistemológica que se queria veicular no Brasil através do discurso geográfico acadêmico-científico (LIRA, 2017). Um fator determinante para essa disputa seria, por excelência, a conquista da tradição escolar da Geografia, que precede em quase um século esse processo de institucionalização universitária da Geografia em terras brasileiras. A conquista da escola e do discurso geográfico que se veicula pela tradição escolar seria, portanto, fundamental para um grupo político da recém fundada Geografia acadêmica que quisesse sedimentar sua visão teórico-epistemológica na sociedade e na academia.

Situado no campo dessa relação entre a tradição escolar da Geografia e a fundação da Geografia universitária no Brasil, este texto analisa as características e o impacto da tradição escolar da Escola Normal Caetano de Campos (ENCC) sobre a fundação e as primeiras inserções da comunidade paulista de Geografia no cenário dos debates educacionais e acadêmico-científicos da Geografia brasileira.

A base documental que fundamenta o caminho metodológico deste texto será formada pelos arquivos da Escola Normal Caetano de Campos (ENCC), os chamados dossiês didáticos. Essa base documental me ajudará, primeiro, a compreender os elementos constituintes da tradição escolar em Geografia que se desenvolvia no âmbito de uma instituição pública de referência para a educação básica e para a formação de professores, o que, em si, já oferece pistas sobre como, no Brasil, as instituições escolares públicas de referência se constituem como “filtros” para a estabilização de um campo do conhecimento científico da Geografia. Com isso, quero dizer que as disputas políticas entre tradições teóricas da Geografia acadêmica passam, no Brasil, pelo crivo da tradição escolar e suas demandas como campo autônomo. Por outro lado, esse acervo documental me ajudará a argumentar que a tradição escolar é um elemento fundamental para a legitimação dos princípios acadêmico-científicos da Escola Paulista de Geografia para a Geografia escolar, demarcando um momento histórico de franco domínio dessa relação escola-academia em Geografia a partir da tradição francesa, principalmente pelo advento das publicações didáticas de Aroldo de Azevedo.

Este texto está organizado em dois momentos. Dialogando com o conceito de cultura material escolar mobilizado por Albuquerque (2021) a partir de Vidal (2017) e Bosi (1998), construiremos o primeiro momento do texto organizando nosso olhar metodológico para o acervo documental da ENCC alvo de nossas análises. Desenvolvo, nesse momento, uma rápida contextualização histórica da Escola Normal Caetano de Campos (ENCC), buscando explicitar nessa etapa do artigo a importância política e educacional da ENCC para o cenário educacional paulista e nacional no início do século XX, assim como os elementos demarcadores da tradição e da cultura material escolar veiculados por essa instituição. Explícito, ainda, o principal motivo que mobiliza a escolha metodológica por essa instituição neste texto, que se associa necessariamente à fundação da geografia universitária no Brasil.

O segundo momento do trabalho estará dedicado à análise dos dossiês didáticos da ENCC. Nessa seara, busco explicitar a natureza documental dos dossiês didáticos da ENCC, ou seja, a particularidade didático-metodológica ocupada por esses documentos em meio à tradição escolar dessa instituição. Em seguida, apresento alguns dos exemplares dos dossiês didáticos destinados à disciplina de geografia para, então, discutir os aspectos demarcadores do papel da ENCC e de sua cultura material escolar em meio ao movimento de fundação da geografia acadêmica paulista.

### **A Escola Normal Caetano de Campos e os dossiês didáticos: elementos de uma cultura material escolar**

4

No campo da história da Geografia Escolar, pesquisas recentes têm levantado as fontes, práticas e instituições que demarcam o lugar da Geografia em meio à cultura material escolar no Brasil. Albuquerque (2021, p. 123) ressalta que “são poucas as imagens de escolas, seja no presente ou no passado, em que não se destacam um ou mais recursos didáticos tradicionalmente utilizados pela Geografia”. Para a autora, os recursos didáticos, construídos com intenções educativas e carregados de ideologias e modos de uso, são componentes fundamentais da tradição escolar. Por esses caminhos, orientando-se pelos trabalhos de Vidal (2017), Viñao (2012) e Escolano (2010), a autora define cultura material escolar como

Aquela constituída nas relações que se estabelecem entre os sujeitos sociais da escola, mediadas pelo uso de objetos vestígios, ou seja, aqueles que são marcados ou deixam marcas nas práticas escolares, nas proposições metodológicas, nas compras efetuadas pela escola, nas solicitações dos professores, nas necessidades criadas pela indústria para a escola, nas respostas em forma de produtos que a indústria oferece a partir de demandas escolares e nas pessoas que os utilizaram ou os utilizam (ALBUQUERQUE, 2021a, p. 128).

Para Vidal (2017), a cultura material escolar se organiza em três variáveis fundamentais: o edifício, o mobiliário e o material de ensino. A partir de dois desses critérios (a edificação e o material de ensino), a Escola Normal Caetano de Campos e sua cultura material são componentes relevantes para a história da Geografia Escolar e para as próprias origens da geografia científica no Brasil.

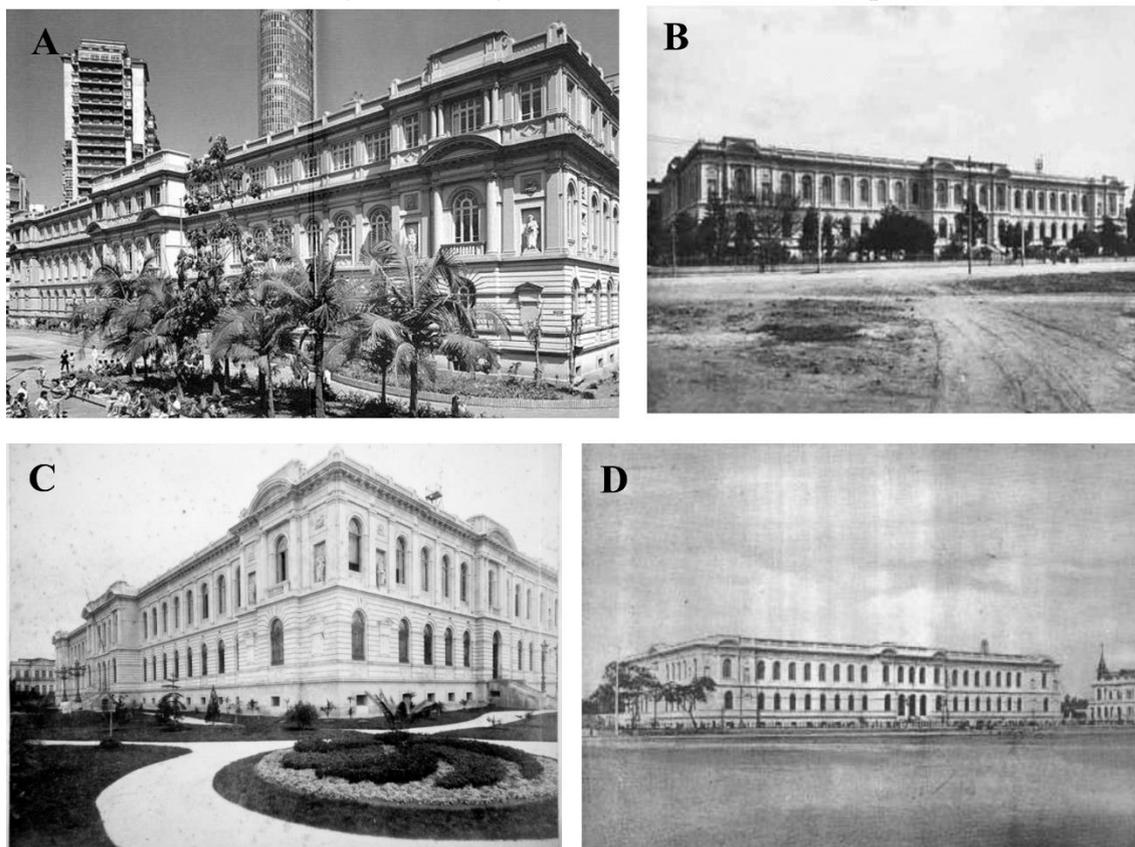
No rol das instituições públicas de referência para a educação elementar que surgem nos estados brasileiros ainda no século XIX, durante o período imperial, a Escola Normal Caetano de Campos foi criada em 1846 para atender a uma demanda de formação de professores no estado de São Paulo. Naquele tempo, por meio do conjunto de atos normativos que estendiam lentamente a educação primária, a demanda por docentes se ampliava na medida em que a escolarização se expandia, mesmo que tardio e demoradamente, para a população, sobretudo nas classes sociais mais pobres. Para o Centro de Referência em Educação Mário Covas (CREMC-SEE/SP),

A Escola Caetano de Campos teve como origem a necessidade de formação de professores para atender os interesses educacionais de meados do século XIX, em São Paulo. Por isso o nome era Escola Normal de São Paulo. O termo “normal” remete aos primeiros estabelecimentos, na França, de formação de professores de ensino elementar, no fim do século XVII, para responder as necessidades de atendimento para com as crianças pobres (CREMC – SEE/SP, 2021b, *online*).

Cardoso (2010), reconhecendo o papel das edificações escolares em suas relações com a cidade, ressalta o papel da arquitetura das instituições escolares de referência para a construção dos referenciais da vida urbana e da modernidade. Por esses caminhos, em 1894, a ENCC foi instalada em novo edifício na Praça da República, no centro da capital paulista, no prédio que atualmente abriga a sede da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo. Nos anos que se sucederam, já no período republicano brasileiro, a ENCC torna-se não somente uma referência arquitetônica da cidade (Figura 1), mas também uma instituição demarcadora da circulação de ideias científicas e pedagógicas em São Paulo, o que a coloca no papel de formadora de uma tradição escolar de fundamental importância para a educação paulista e brasileira. Na visão do CREMC,

Nos anos seguintes à inauguração do edifício construído para a Escola Normal, cuja obra arquitetônica tornou-se símbolo da transformação política recém-ocorrida, essa escola tornou-se centro de referência e centro difusor de teorias científicas e pedagógicas, além de palco de experiências educacionais que marcaram a história da educação brasileira (CREMC – SEE/SP, 2021, p. 1, *online*).

Figura 1 – Imagens da Escola Caetano de Campos



Legenda:

A – Foto do edifício inaugurado em 1894 para abrigar a Escola Normal, na Praça da República (centro de São Paulo), atualmente sede da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Fonte: Arquitetura escolar e política educacional: os programas na atual administração do Estado. São Paulo: FDE, 1998

B – Edifício da tradicional Escola Normal da Praça, inaugurado em 2 de agosto de 1894. Fonte: ROCCO, Salvador et al. (Org.). **Poliantéia comemorativa: 1846-1946; primeiro centenário do ensino normal de São Paulo.** São Paulo: s. n., s. d. p. 130.

C – Conheça a história do prédio Caetano de Campos, símbolo da educação de SP: Primeira Escola Normal Paulista abriga hoje a Secretaria da Educação. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/conheca-a-historia-do-predio-caetano-de-campos-simbolo-da-educacao-de-sp/>. Acesso em 10 fev. 2022.

D – A Primeira Escola da República – O Palácio Caetano de Campos. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/escola-caetano-de-campos>. Acesso em 10 fev. 2022.

A escolha dessa instituição neste texto se deve, especificamente, ao fato de que na primeira metade da década de 1930, a Faculdade de Geografia e História da USP passou a funcionar dentro das dependências da Escola Normal Caetano de Campos. Nesse sentido, a questão que surge, primeiramente, é por que uma escola e não outro lugar para abrigar tal curso? Essa é uma pergunta geográfica e que nos serve para desvelar um capítulo importante da história da Geografia escolar e, sobretudo, da própria Geografia acadêmica paulista que se formava.

Em 1933, a Escola Caetano de Campos foi transformada em Instituto de Educação (decreto 5.846, de 21 de fevereiro de 1933), enquanto Fernando de Azevedo era seu Diretor. Nessa ocasião, o ensino normal foi elevado a nível

superior. Assim, com a criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934, o recém-criado Instituto de Educação vinculou-se à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP e ao Colégio Universitário – 4ª Seção. Inclusive, nessa ocasião, o edifício passou por sua reforma mais drástica, ganhando um terceiro pavimento. A ocasião foi aproveitada para realizar uma grande reforma interna (LAWAND, 2021, p. 4).

Os escritos de Lawand (2021) mostram a Escola Normal Caetano de Campos como um evento geográfico que se mistura à própria fundação da Geografia universitária paulista. A então recém fundada Escola Paulista de Geografia (1934) passaria a funcionar no terceiro andar do histórico prédio da ENCC na Praça da República, no centro da cidade de São Paulo. Nesse contexto, resgatando a ideia de Vidal (2017) de que a cultura material escolar “está organizada em torno de três variáveis: o edifício, o mobiliário e o material de ensino”, argumento que a edificação da ENCC é, em sua dimensão física, relevante para a sua definição como instituição pública de referência e de crivo escolar para a Geografia acadêmica paulista que se formava. Dessa maneira, o debate e o cotidiano educacional e acadêmico-científico empreendido pelos geógrafos paulistas suturam diretamente a cultura material escolar da ENCC.

Em outra frente, Lira (2021) mostra que o ano de 1938 – momento em que a ENCC abrigava o curso de Geografia e História – também é um marco no sentido de uma ruptura radical na proposição curricular de formação dos profissionais da Geografia. Segundo a autora, a partir daquele ano, houve uma inflexão radical no currículo (escrito por Pierre Monbeig) em prol da predominância da Geografia Humana e Econômica na formação dos profissionais geógrafos e futuros professores. Dialogando com esse evento, defendo que a tradição escolar em Geografia e os anseios da escola paulista de Geografia para o ensino secundário da Geografia têm um papel relevante nesse processo de reforma curricular do curso superior de formação dos geógrafos e professores de Geografia paulistas. Nesse contexto, Cabral e Straforini (2020), sustentados em seus escritos pelos trabalhos de Ab’Saber (1994) e Lencioni (2012), ressaltam que:

[...] um movimento importante de vinculação da Geografia acadêmica à tradição escolar pode ser verificado pela projeção das obras didáticas de Aroldo de Azevedo a partir de 1936, assim como pelo próprio funcionamento da Faculdade de Geografia e História da USP dentro do prédio da Escola Normal Caetano de Campos ainda na década de 1930. Poucos são os pesquisadores em história da Geografia Escolar atentos a esse último aspecto no qual, a nosso ver, é explícito (para não dizer desejado) o encontro físico e intelectual entre a tradição escolar e a nascente geografia acadêmica paulista, o que viria a transformar sensivelmente cada uma delas (CABRAL; STRAFORINI, 2020, p. 78).

De acordo com os autores, a cultura material escolar da ENCC pode ser pensada como um marco institucional de peso para um discurso acadêmico-científico que se queria construir e fixar hegemonicamente no Brasil. Por isso, um recorte temporal fundamental para este texto se fixa a partir da década de 1930, se estendendo até a década de 1950. A nosso ver, a tradição escolar da ENCC é parte fundante do discurso e das tratativas, entre os geógrafos, do debate sobre a regionalização brasileira. Para sustentar essa argumentação, busquei me amparar no acervo histórico da instituição de modo a reconhecer, a partir dos elementos da cultura material escolar (ALBUQUERQUE, 2021), os aspectos que demonstram o papel da tradição escolar da ENCC sobre o discurso acadêmico da Geografia paulista e seus anseios para a formação da ciência geográfica no Brasil. Para o CREMC,

O Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos (AHECC) reúne uma massa documental de caráter pedagógico e administrativo, constituída, principalmente, pelo arquivo da secretaria escolar. Entre os itens que integram o conjunto destacamos: livros de registros (matrículas, frequência, notas de alunos etc.), relatórios diversos, correspondências, ofícios, comunicados, folhas de pagamento, diplomas, trabalhos de alunos, dossiês de alunos e de professores, quadros didáticos, publicações comemorativas, brinquedos, periódicos especializados (nacionais e internacionais), coleções de selos e moedas, fotografias, filmes, slides, plantas e projetos da construção do prédio (CREMC-SEE/SP, 2022a, *online*).

Esse rico acervo documental é mantido e conservado pelo Núcleo de Memória e Acervo Histórico (NUMAH) do Centro de Referência em Educação Mário Covas (CREMC)<sup>1</sup>. Nesse local é possível encontrar os documentos que compõem o arquivo escolar da ENCC, dentre os quais se destacam os livros de atas de exames e registro de notas, os livros de atas de exames e resultados finais, os livros de matrículas de alunos, os livros de ponto dos professores e dos alunos estagiários, os livros de registros de aulas, os livros de chamada de classe, exemplares de avaliações e, finalmente, os dossiês didáticos.

Concordando com Menezes (2011) em sua perspectiva sobre “escutar as fontes” que revelam as nuances da cultura material escolar, analiso os chamados dossiês didáticos da ENCC, que, em si mesmos, revelam não só as práticas da cultura material escolar (ALBUQUERQUE, 2021) da ENCC em suas relações com a intelectualidade geográfica paulista, mas também as práticas de hegemonização da Geografia paulista em meio às disputas curriculares e controvérsias políticas que estavam sendo travadas no seio das geografias escolar e científica no Brasil naquele dado momento histórico.

Segundo o Núcleo de Memória e Acervo Histórico (NUMAH) do Centro de Referência em Educação Mário Covas (CREMC), os dossiês didáticos

---

<sup>1</sup> Rua Paulino Guimarães, 224 – Luz. CEP: 01109-020 - São Paulo/SP. Telefone: (11) 3312-6936.

[...] são um recurso pedagógico destinado ao apoio dos professores em sala de aula, cujo propósito é fornecer elementos para a elaboração de materiais didáticos sobre temáticas variadas. Trata-se de um arcabouço de referências teórico-conceituais voltado aos docentes, permitindo aos mesmos o aprofundamento de determinados assuntos, para serem abordados de maneira simples e direta (CREMC - SEE/SP, 2022b, *online*).

Tal definição abre espaço para uma investigação mais detalhada sobre a cultura material escolar da ENCC. Assim, a seguir serão apresentados alguns dos dossiês didáticos explorados nas visitas de campo<sup>2</sup>, os quais permitiram refletir sobre a autoria e protagonismo docente na produção dos materiais de ensino da instituição, o que é relevante na medida em que outros sentidos de Geografia, demandas pedagógicas e práticas escolares podem ser reveladas.

Figura 2 – Mapa Folclórico e Geográfico do Brasil – Acervo ENCC



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1942).

O Mapa Folclórico mostrado pela Figura 2 é uma das principais representações sobre o território brasileiro utilizadas pelo corpo docente da ENCC para as aulas de Geografia. Tal representação faz parte do acervo cartográfico da instituição, sendo parte de um exercício pedagógico que também se projetava em nível nacional, se considerado o contexto nacional-

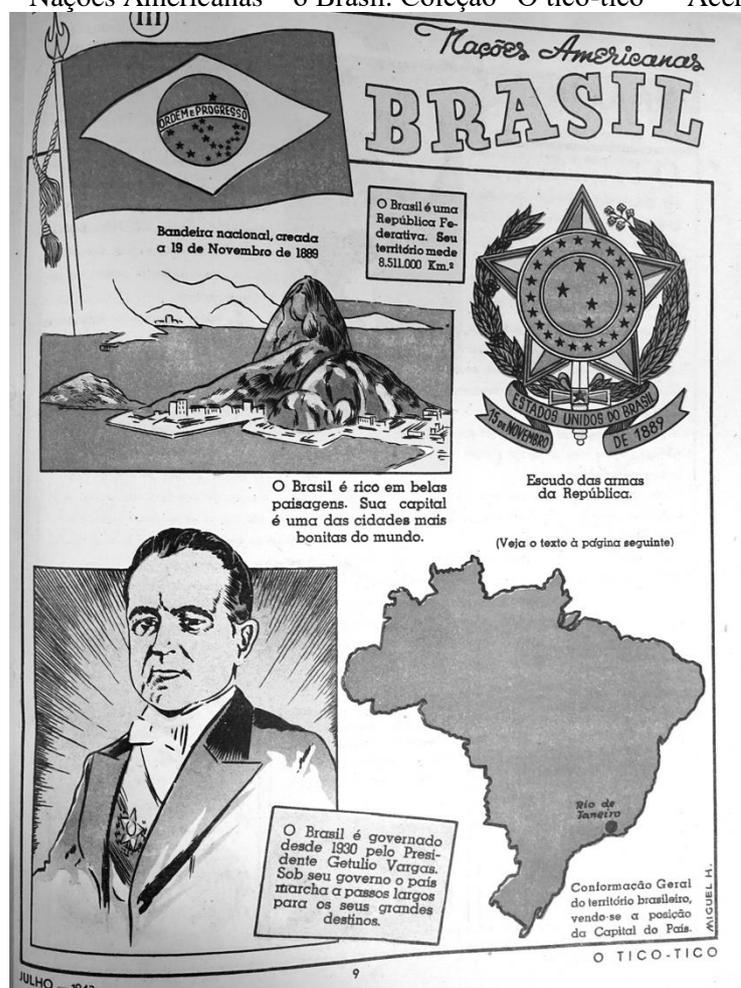
<sup>2</sup> Como parte da pesquisa de doutorado já defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unicamp (CABRAL, 2022), todas as visitas de campo, coletas de documentos e tratamento das fontes foram realizados no CREMC, em endereço descrito na nota de rodapé 4.

patriótico do governo varguista, que, em geral, se materializa nas representações sobre o território e cultura brasileira a partir de características naturais regionalizadas.

[...] o estudo da era getuliana é particularmente interessante como cenário em que se dá o mapeamento cultural do país, a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), os programas educacionais, a expansão de agências jornalísticas e estúdios fotográficos com diferentes projetos de registro e difusão da brasilidade (ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005, p. 24).

Desse modo, tal dossiê didático endossa o processo didático-pedagógico conduzido pela Geografia escolar de ampla divulgação de lendas, tipos regionais e características culturais a partir de atributos naturais do território. Assim, o discurso de natureza passa a também ocupar um papel mítico na memória de ampla parcela da população, por meio não só do que era ensinado na educação formal – sobretudo a partir da geografia –, mas também daquilo que era anunciado por outros veículos de imprensa e propaganda.

Figura 3 – Nações Americanas – o Brasil. Coleção “O tico-tico” – Acervo ENCC



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE  
Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1943).

No dossiê didático apresentado pela Figura 3, está sendo apresentada parte da seção destinada à Geografia na coleção “Tico-Tico”, que foi a primeira e mais importante revista

voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. Tal publicação circulava em meio ao corpo docente da ENCC como parte do processo formativo das professoras normalistas. Segundo o portal oficial da Biblioteca Nacional na internet,

Em suas páginas podiam ser encontrados passatempos, mapas educativos, literatura juvenil e informações sobre história, ciência, artes, geografia e civismo. [...] O formato gráfico tinha influência francesa, porém seus temas e personagens estavam ligados à afirmação de elementos da identidade nacional. Dessa forma valorizou a “mãe preta”, as figuras humildes e formas diversas de folclore regional e popular. Lendas, cantigas e contos tinham caráter educativo (BN, s/d).

Nessa seção, em particular, focalizada nos aspectos geográficos do Brasil, projetam-se o território e sua extensão, o nacionalismo e os símbolos pátrios, a valorização e culto à figura presidencial de Vargas, além da exaltação às belas paisagens naturais brasileiras, sobretudo as da capital federal. Nesse contexto, ressalta-se o papel político e pedagógico da Geografia em meio às publicações do periódico Tico-Tico, veiculado na forma de dossiê didático em meio à cultura material escolar da ENCC: a exaltação da natureza e do território numa perspectiva nacional-patriótica.

Para Cabral, Cecim e Straforini (2021),

No Brasil, esse momento se deu no contexto das três primeiras décadas do século XX, quando as bases da geografia escolar clássica de tradição jesuítica começavam a ser questionadas, basicamente a partir de quatro frentes mais preponderantes: (1) a tarefa da geografia como disciplina escolar vinculada ao projeto nacional-patriótico republicano – e, sobretudo, varguista – de educação territorial; (2) os princípios escolanovistas e o reposicionamento do papel do aluno nos processos de ensino-aprendizagem, de modo que ‘experiência’, ‘vivência’ e ‘prática’ são significantes da Escola Nova que reconfiguram a noção de realidade para o ensino geográfico moderno; (3) os específicos sentidos de geografia escolar defendidos por autores politicamente articulados em torno da modernização de seu ensino; e (4) o processo de institucionalização da geografia acadêmica no Brasil (CABRAL; CECIM; STRAFORINI, 2021, p. 4).

Em outra frente, os dossiês didáticos da ENCC revelam que a instituição esteve atenta ao momento histórico e político de debate sobre a regionalização brasileira justamente no contexto de quando um cenário de dissidências sobre o assunto se dava entre os geógrafos (LIRA, 2017). Isso claramente se reflete na grande oferta de dossiês didáticos da ENCC que versam sobre a divisão regional brasileira, assim como os intelectuais e instituições definidores dos critérios da regionalização brasileira. Assim, a ENCC planejava suas ações pedagógicas e produzia novos materiais didáticos de geografia na vanguarda das decisões, debates e atos normativos que versavam sobre a definição das regiões brasileiras.

A Figura 4 mostra um dossiê didático que, em forma de notícia de jornal (Folha da Manhã, edição de 9 de fevereiro de 1940), mostra exatamente o contexto das articulações discursivas entre os geógrafos do Conselho Nacional de Geografia (CNG) sobre a regionalização brasileira no âmbito da administração pública federal, valendo ressaltar o critério das regiões naturais como o mais aceito até então para a divisão regional do país. A Figura 5 é um dossiê didático que faz parte de cartilha do Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE) destinada às instituições públicas de referência para a educação elementar e que define, na forma de atos normativos, a nova divisão regional que passaria a vigorar a partir de 1945. A Figura 6 mostra um mapa tátil produzido pelo corpo docente da ENCC, valendo ressaltar que tal mapa já se encontra em acordo com a nova regionalização de 1945 para o território brasileiro, o que nos mostra claramente que a instituição e sua tradição escolar rapidamente acompanham um debate que se arrastou no Brasil entre os geógrafos por pouco mais de uma década.

Figura 4 – O debate da regionalização brasileira – Jornal Folha da Manhã na edição de 9 de fevereiro de 1940 – na forma de dossiê didático – Acervo ENCC

**Novamente Debatida no Conselho Nacional de Geografia a Questão da Divisão do Brasil em Regiões Naturais**  
Folha da Manhã  
9-2-40

**Aquela Entidade Opinou Pelo Plano do Prof. Delgado Carvalho, Porém Fará Préviamente Consultas aos Demais Órgãos da Administração Federal**

RIO, 8 (Da nossa sucursal — Pelo telefone) — Foi estudada e debatida pelo Conselho Nacional de Geografia a questão da divisão do Brasil em regiões naturais.

Tratando-se de matéria que interessa de perto a coletividade e a vida administrativa do país, era oportuno que a imprensa colhesse informações a respeito, juntamente quando vem de ser apresentado um importante parecer àquela entidade.

Sobre o assunto, que interessa vivamente à coletividade e a vida administrativa do país, falou hoje à imprensa, o engenheiro Christovam Leite de Castro, secretário geral do conselho.

O Conselho Nacional de Geografia, disse s. s. deliberou promover a unificação, ou melhor, a adoção de uma divisão regional do Brasil que, única, fosse utilizada em todos os setores da administração pública. Como a repartição central do Conselho dispõe de uma seção de estudos geográficos, a ela cometeu-se a tarefa de tratar do assunto. Exatamente na última reunião do Conselho, foi aprovado o parecer elaborado pelo chefe da Seção, professor Fabio de Macedo Soares Guimarães.

Nessas condições, o Conselho ficará brevemente habilitado a comparecer perante o chefe do governo, a fim de promover a desejada adoção da divisão regional única.

Após minuciosos estudos e debates, o Conselho se inclinou a recomendar a divisão regional do eminente professor Delgado de Carvalho, que há muitos anos vem sendo adotada nas escolas do país.

Segundo essa divisão o Brasil se decompõe em cinco regiões: 1.ª, Brasil Septentrional, compreendendo: Território do Acre, Amazonas e Pará; Brasil Norte Oriental, compreendendo: Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; 2.ª — Brasil Oriental, constituído de Sergipe, Baía, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro; 3.ª — Brasil Meridional, compreendendo: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul; 4.ª — Brasil Central, compreendendo: Mato Grosso e Goiás.

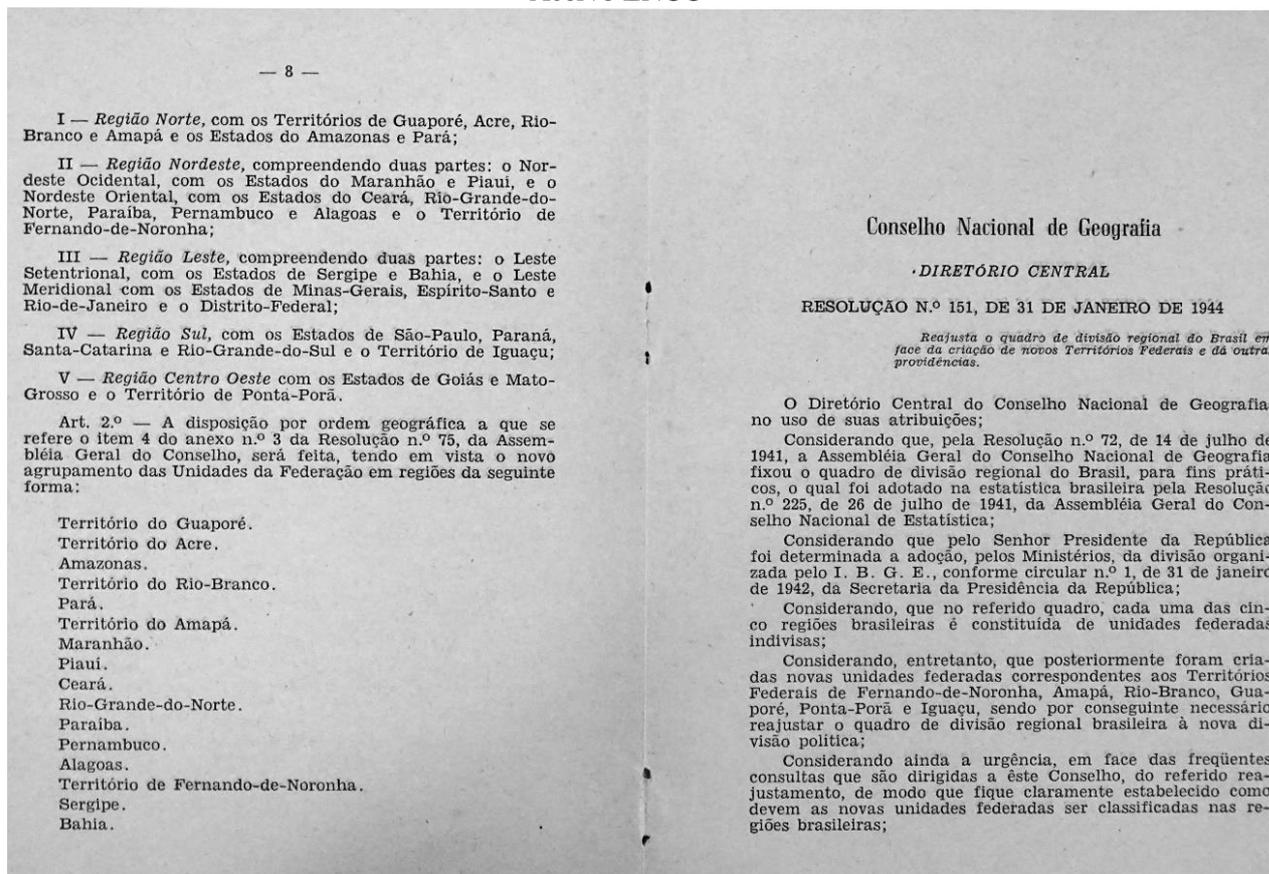
Não é demais ressaltar as dificuldades que ofereceu a fixação de um quadro regional brasileiro que, ao mesmo fosse prático e científico. Nesse sentido, houve a preocupação, por um lado, de não se desmembrar qualquer das unidades políticas e, por outro lado, de agrupar no mesmo bloco aquelas unidades federadas que oferecem análogos característicos gerais, quer sob o ponto de vista da geografia física, quer sob o ponto de vista da geografia humana.

Encerrados os estudos do Conselho, vai ser iniciada agora uma fase de consultas e entendimentos com os demais órgãos da administração federal interessados para, que em futuro mais próximo e de maneira mais harmônica se concretize essa provéitosa iniciativa do Conselho.

12

Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE  
Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1940).

Figura 5 – Resolução normativa do CNG para a regionalização brasileira na forma de dossiê didático –  
Acervo ENCC

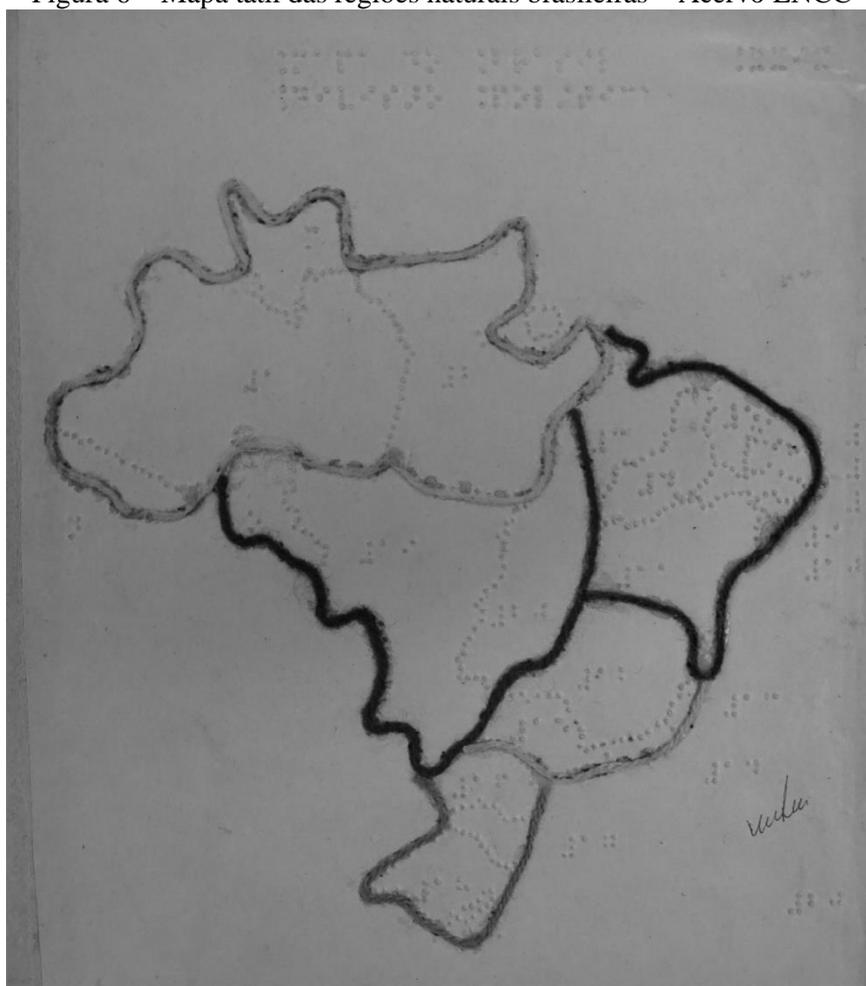


Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE  
Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1944).

13

A Figura 6, por sua vez, é parte do processo de confecção de materiais de ensino pelos próprios docentes da ENCC, no qual se nota a produção de um mapa tátil das regiões brasileiras – já atualizado, por sinal, segundo os critérios de regionalização de 1945, apresentados pelas figuras 4 e 5. Por um lado, reforça-se a dimensão de que a ENCC exercia de fato um papel de instituição pública de referência para educação paulista, primeiro porque acompanhou de perto o debate da regionalização do qual os geógrafos faziam parte, e segundo porque já produz, nos princípios do século XX, materiais didáticos de Geografia atualizados e voltados às necessidades especiais (a cegueira, nesse caso específico), quando sequer a dimensão da escolarização pública e gratuita para todos estava garantida. Este último aspecto, em especial, não nos parece obsoleto em vista da conjuntura que revela a presença de demandas de natureza pedagógica se materializando em meio ao processo de renovação do ensino geográfico e da própria formação da Geografia Escolar Moderna. Tais demandas são, a meu ver, protagonizadas sobretudo pelo papel da tradição escolar desempenhada por instituições públicas de referência nos estados brasileiros.

Figura 6 – Mapa tátil das regiões naturais brasileiras – Acervo ENCC



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE  
Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1945).

Há, no campo da representação estética do homem e do território brasileiro, outra natureza de superfícies imagéticas que também atuam discursivamente sobre a produção dos materiais didáticos na ENCC. Dentre as quais, em meio ao acervo histórico da instituição, destaca-se a coleção da Revista SETH – “O Brasil pela imagem” – que traz um retrato sobre as paisagens naturais das regiões brasileiras, sendo parte fundamental da difusão de informações geográficas sobre o território brasileiro para a comunidade escolar da ENCC. São diversos os dossiês didáticos que giram em torno dessas publicações, que são, por sinal, muito semelhantes àquelas publicadas pela Revista Brasileira de Geografia, na seção “Tipos e Aspectos do Brasil”.

A Figura 7 mostra, por exemplo, o número da Revista SETH destinado à representação e descrição dos campos do Rio Grande do Sul. Em tal dossiê, verifica-se a construção de uma imaginação geográfica sobre tal paisagem natural a partir da dimensão imagética de sua representação. As descrições das paisagens representadas eram, quase sempre, assinadas por

geógrafos, etnólogos ou grandes personalidades da República, em especial aquelas ligadas às Forças Armadas ou às expedições científicas pelo território brasileiro.

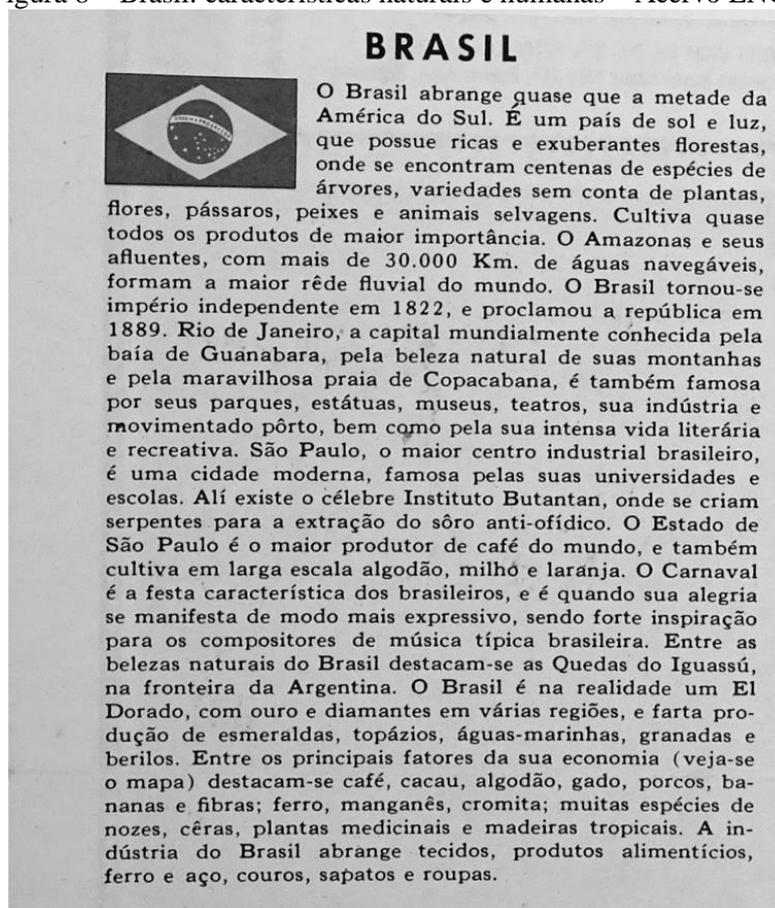
Figura 7 – O Brasil pela imagem – Coleção SETH – Acervo ENCC



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE  
Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1938).

A Figura 8 trata de mais um material didático produzido pelos professores da ENCC para aulas de Geografia do Brasil. Nesse excerto em forma de dossiê, vê-se, em primeiro plano, a exaltação à grandeza territorial, beleza natural, fauna, flora, além das riquezas minerais e hídricas do Brasil. Em segundo lugar, destaca-se o sentido discursivo de que tais elementos naturais – na forma de recursos – estão a serviço do desenvolvimento do Brasil no contexto da modernização capitalista, de maneira que logo se revelam no texto aspectos da urbanização, desenvolvimento educacional e tecnológico, além das principais características da produção econômica brasileira, ressaltando o país como grande “El Dorado” da modernidade.

Figura 8 – Brasil: características naturais e humanas – Acervo ENCC



Fonte: Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/CEMAH/CRE  
Mario Covas/EFAP/SEE-SP (1938).

16

O economicismo no discurso geográfico escolar que está sendo construído pelas práticas docentes da ENCC seria, então, igualmente, uma demanda pedagógica emanada das demandas do próprio sentido de Brasil que se hegemonizava na era Vargas. Isso é relevante porque, num contexto de disputas por hegemonia científica na Geografia acadêmica brasileira, por fazer vencer uma concepção adaptada do homem brasileiro frente ao movimento da modernidade, a conquista da escola e de uma base social fixada pela institucionalidade escolar com relativa autonomia são requisitos importantes para uma comunidade científica que queira afirmar seus princípios de cientificidade segundo estratégias epistemológicas e imagens representacionais específicas. A conquista do Brasil pela nova cognição moderna, em especial a proposta elaborada por Monbeig, teve que contar com a conquista das escolas, com suas próprias emanções e com um certo hibridismo de perspectivas que já se apresentava através do tema do desenvolvimento.

### Considerações Finais

Este texto esteve dedicado a compreender os aspectos da cultura material escolar da Escola Normal Caetano de Campos, especialmente no contexto de formação da Geografia acadêmica paulista e o papel da tradição escolar dessa instituição para o discurso acadêmico-científico da Geografia que se formava. Foi verificado, a partir da análise dos dossiês didáticos, o acionamento aos princípios modernizadores do ensino da Geografia, aliado ao discurso territorial e nacionalista que se revela por meio de superfícies textuais e imagéticas produzidas pelos professores da instituição. Reconhecemos, ainda, as demandas pedagógicas emanadas da tradição escolar da ENCC e o relevante papel do discurso regional institucionalizado na forma das regiões naturais do IBGE para a formulação de materiais didáticos para a Geografia escolar que se praticava na instituição.

### Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 22, p. 221-232, 1994.

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Que geografias nos contam os recursos didáticos: cultura material e geografia escolar. In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de Albuquerque; DIAS, Angélica Mara de Lima; CARVALHO, Luiz Eugênio Pereira (org.). *História da geografia escolar: fontes, professores, práticas e instituições*. Curitiba: CRV, 2021.p. 123-146. Volume 1.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. A construção das representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras visões iconográficas do Brasil moderno. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.13, n. 2, jul./dez, 2005.

BN. Biblioteca Nacional. *Acervo – O TICO-TICO a mais importante revista voltada para o público infanto-juvenil no Brasil*. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/explore/curiosidades/acervo-tico-tico-mais-importante-revista-voltada-publico>. Acesso em: 23 out. 2022.

CABRAL, Thiago Manhães ; TRAFORINI, Rafael. Controvérsias sobre o currículo da geografia escolar: as comunidades científicas paulista e carioca em debate (1931-1935). *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v.10, n.20, p. 72-101, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v10i20.942>. Disponível em: <https://revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/942>. Acesso em: 5/12/2022.

CABRAL, Thiago Manhães; CECIM, Jéssica. Rodrigues da Silva; STRAFORINI, Rafael. A realidade do aluno como tradição pedagógica em disputa na geografia escolar (1920-

2020). *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v.21, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/55930>. Acesso em: 5/12/2022.

CREMC – SEE/SP. Centro de Referência em Educação Mario Covas, Secretaria de Estado de Educação de São Paulo. *Dossiês didáticos - Escola Normal Caetano de Campos (1936-1955)*. Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=7542>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CREMC – SEE/SP. Centro de Referência em Educação Mario Covas, Secretaria de Estado de Educação de São Paulo. *A História da Escola*. Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=7541>. Acesso em: 20 out. 2021a.

CREMC – SEE/SP. Centro de Referência em Educação Mario Covas, Secretaria de Estado de Educação de São Paulo. *Da instalação na Praça da República até a década de 1970*. Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/175/2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021b.

CREMC – SEE/SP. Centro de Referência em Educação Mario Covas, Secretaria de Estado de Educação de São Paulo. *Acervo histórico da Escola Caetana de Campos AHECC*. Disponível em <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Default.aspx?tabid=7542>. Acesso em 20 out. 2022.

ESCOLANO, Agustín Benito. Patrimônio material de la escuela e história cultural. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p.13-28, jul./dez, 2010.

LAWAND, Diógenes Nicolau. O acervo Histórico da Escola Normal Caetano de Campos e a USP. In: CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO MARIO COVAS. São Paulo: CREMC, [20--]. Disponível em: <https://sites.usp.br/arquivogeral/wp-content/uploads/sites/39/2021/04/2021n02-SAUSP.pdf>. Acesso em 5 dez. 2022.

LENCIONI, Sandra. Aroldo de Azevedo: um geógrafo da Universidade de São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 92, p.37-49, 2012.

LIRA, Larissa Alves de. A controvérsia da regionalização do Brasil de 1941: Pierre Monbeig e os geógrafos do Conselho Nacional de Geografia. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p.169-185, jul./dez, 2017.

LIRA, Larissa Alves de. *Pierre Monbeig e a formação da geografia no Brasil (1925 – 1956): uma geohistória dos saberes*. São Paulo: Alameda Editorial, 2021.

MENEZES, Maria Cristina. Descrever os documentos – construir o inventário – preservar a cultura material escolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, , v. 11, n.1 [25], p. 93-

116, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38508>. Acesso em: 5/12/2022.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação como Arqueologia: cultura material escolar e escolarização. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017.

Disponível em:

<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818362017251/pdf>.

Acesso em: 5/12/2022.

VIÑAO, Antonio. A história das disciplinas escolares. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 8, n.3[18], p. 173-215, 2012. Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40818>. Acesso em: 5/12/2022.

---

Thiago Manhães Cabral

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), atuando como pesquisador convidado durante estágio de doutorado sanduíche na CY Cergy Paris Université (França). É licenciado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (Niterói-RJ), com período de graduação sanduíche na Universidade do Porto (Portugal). Atua nas áreas de História da Geografia Escolar, Ensino de Geografia, Formação de Professores de Geografia, Materiais Didáticos e Políticas Curriculares em Geografia. Foi bolsista CAPES na graduação com o PIBID. É pesquisador membro dos grupos de pesquisa APEGEO (Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia) e Rede Brasilis (Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica), ambos registrados no CNPq. Atualmente é Professor D2 (doutor) de Geografia na Rede Municipal de Vinhedo (SP), com experiência profissional comprovada nos Anos Finais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos.

Endereço profissional: Av. Pres. Castelo Branco, 50 - Barra Funda, Vinhedo - SP, 13280-000

E-mail: [thiagomanhaescabral@gmail.com](mailto:thiagomanhaescabral@gmail.com)

---

Recebido para publicação em 03 de outubro de 2022.  
Aprovado para publicação em 08 de dezembro de 2022.  
Publicado em 14 de dezembro de 2022.